

QREN - Aldeias de Memória

História de Vida

de

Homero Lopes Pereira

registada em 2008-09-25
por

Jenny Campos e Susana Pires

Homero Lopes Pereira

Homero Lopes Pereira nasceu na Fajoeira, às seis horas do dia 6 de Setembro de 1925. O pai chamava-se Francisco Lopes Pereira, “rompia bocados e era pedreiro”. A mãe Maria Augusta, “apanhava o linho e fazia-o”. Também trabalhavam no campo. Eram oito irmãos. Aos 7 anos começou a ir para as cabras, por isso, nunca foi à escola. “A escola era descalço, a guardar gado aí por essas serras.” Tinha 12, 13 anos, quando foi para o Ribatejo. Trabalhava durante nove meses e regressava à aldeia, durante mês e meio e depois tornava a voltar. Andou por lá mais de 30 anos. Ainda andava lá depois de casado. Trabalhou também muitos anos nas estradas, quando vinha do Ribatejo. Ainda fez carvão pelas serras e andou na resina. A esposa conheceu no Ribatejo, também lá trabalhava. Aos 33 anos começou a namorar com ela. O namoro, autorizado pelo pai dela, não chegou a durar um ano, casaram-se no Piódão. Nasceu o primeiro filho, na Fajoeira, e depois de quatro anos é que nasceu a rapariga.

Índice

Identificação Homero Lopes Pereira.....	4
Ascendência Francisco Lopes Pereira e Maria Augusta.....	4
Infância "A escola da gente era guardar gado".....	5
Religião Doutrina à ripeirada.....	7
Casa "Dormíamos à vista uns dos outros".....	8
Percurso profissional Saudades do Ribatejo.....	8
Namoro "No Piódão é que a gente se namorava".....	14
Casamento "Festa até à noite!".....	14
Descendência "Tivemo-los em casa".....	15
Costumes Como se fazia antigamente.....	16
Lugar "Ficou só a Foz d'Égua".....	20
Quotidiano "Comer e descansar".....	22
Avaliação "Projecto importante".....	22

Identificação *Homero Lopes Pereira*

O meu nome é Homero Lopes Pereira. Nasci na Fajoeira, às seis horas do dia 6 de Setembro de 1925.



Homero Pereira, com 45 anos (1970)

Ascendência *Francisco Lopes Pereira e Maria Augusta*

O meu pai chamava-se Francisco Lopes Pereira. Era de Foz d'Égua. Foi criado aqui e daí foi para a Fajoeira. Rompia bocados e era pedreiro. Fazia casas de xisto e tudo.

"O braço do Homem"

Ele fazia paredes em pedra. Agora é em tijolo e bloco. Antigamente, era tudo em pedra. Maçavam-nas nesses fragões por um lado e por o outro. Eram uns

a maçar, outros a acartar e outros a assentar. Era assim a vida. Os telhados eram em lasca, também. Íamos aí para uns fragões quaisquer. Eram rachados com umas cunhas de ferro. Daí, começavam a "lajear". Os homens é que a rachavam. Quem é que as havia de rachar? Não eram os homens? É como diz o outro. A coisa mais dura deste mundo todos têm. Não há ninguém que não tenha. É o braço do homem! E o braço da mulher! Parte ferro, parte aço, parte tudo. É o braço do Homem.

A minha mãe era Maria Augusta. Era do Piódão. Apanhava o linho e fazia-o. Noutros tempos, havia linho. Fazia fio naqueles teares e daí faziam aquelas coisas de pau. Eram umas bolas de pau e dali é que enrolavam tudo. Chamava-se àquilo tecer. Também trabalhavam no campo. Cultivava todas as coisas: cebola, milho, feijão, pimentos, abóboras... Era o que a gente punha nos terrenos. As abóboras eram para os porcos comerem. O milho era para a gente.

"Que remédio tínhamos..."

Éramos oito irmãos. Era uma família grande. Um pão era partido numa mesa e era uma fatia para cada um. Pão de milho, do que a gente cultivava. Dávamo-nos todos bem. Que remédio tínhamos nós senão dar-mo-nos bem. Brincávamos uns com os outros, na paródia, a jogar à chona. Era uma cova na terra. Daí, arranjávamos uma bola redonda e uns paus, para ver qual era o que a metia mais vezes no buraco. Ganhava aquele que metia mais. Jogávamos às cartas também. Quando éramos mais novos, jogávamos à cozinha.

À noite, rezava-se o terço, ou antes ou ao fim de comer. Não nos deixavam ir para a cama sem a gente rezar. O meu pai passava o terço e todos rezávamos. Aquele que não quisesse, pumba! Levava logo com uma ripeirada na cabeça. Já sabia que apanhava. E castigavam-nos.

- "Não rezas, amanhã vais ser castigado!"

Ao outro dia, éramos castigados. Ou não nos davam de comer ou mandavam-nos ir fazer outro serviço que a gente, às vezes, até nem podia. Mas tínhamos que ir, senão, meu amigo, levávamos porrada. Eu também fui castigado. Ui, tanta vez!

A vida, como é que era... Às vezes, dizem assim:

- "Ai, a vida de agora é uma vida boa."

É, é, mas a vida quando a gente se criou, era o dobro. Era ruim. Queria a gente às vezes comer e que é dele? Onde é que ele aparecia? Donde é que ele vinha? Era preciso sonharmos.

Infância "A escola da gente era guardar gado"

Tinha 7 anos quando comecei a ir para as cabras. Por isso, nunca fui à escola. Quando me eu criei, não havia. A escola da gente era descalço, a guardar gado aí por essas serras. Era de sol a sol! De manhã, quando vinha a dar o sol, abria-se-lhe a porta. Até à noute. Estávamos por lá quase todo o dia. Há dias que andamos com elas por aqueles matos, por um lado e por outro. Para onde elas queriam ir, é que a gente as deixava. Em direcção à noite, reconduzia-as para as traseiras, para a loja. Tínhamos terrenos no Piódão, onde tínhamos o gado. Um tio de lá tinha de me guardar a mim e ainda guardar era o gado. Ele, às vezes, andava lá para o meio daqueles matos e eu não me distribuía pelo meio do mato. Guardava a mim e guardava o gado.

"Estive três dias sem vir a casa!"

Uma ocasião, tinha eu alguns 9, 10 anos, andava com as cabras e os lobos apanharam uma aí no meio dos matos. O meu pai, que Deus tem, deu-me oito dias para eu aparecer com a cabra. Diz ele:

- "Vê lá se a cabra foi para outros rebanhos. Para os do Piódão ou ali para a banda dos de Vale de Maceira ou para os da Gramaça ou para aqueles lados. Que a cabra às vezes variasse e fugisse para lá."

Ela não apareceu. Nunca mais, porque os lobos comeram-na. Uma ocasião, ele ia para a azeitona, lá em cima, onde estão agora umas almas. Eu andava lá com o gado e ele disse-me assim:

- "Olha que se à noite me cá não apareceres com a cabra, eu mato-te!"

Agarrou-me pelas orelhas, puxou-me as orelhas bem puxadas! Eu ia para fugir, mas ele tinha mais força do que eu... A minha mãe, a ver de lá de cima, diz:

- "Olha, dá cabo dele! Nem vai com ele para o médico!"

E ele manda-me com os pés. Trazia uns tamancos - aqueles de brocha -, dá-me dois pontapés aqui nas nalgas do cu. Trouxe cá mais de meio ano as brochas marcadas nas nalgas! A vida que era noutros tempos. Daí à noute, é claro, a cabra não apareceu. Eu chegava ali adiante a uma barroca em cima, mamava duas cabras e mandava-as para a frente. Empurrava-as para os meus irmãos as irem meter. E eu - está quieto! - já não vinha para casa. Estive três dias sem vir a casa! Com medo que ainda me chegava mais! Dormia no mesmo palheiro onde tinha o gado. Em escurecendo, eu metia-me rente ao "solho" "pia adiante"¹. Havia lá pasto. Eu dormia debaixo. O pasto estava por cima e eu dormia por

¹ por aí adiante

baixo. Nesses três dias, mamava leite das cabras. Era o que me governava. De manhã, elas iam lá mugi-las e botavam-nas. No fim de sentir o gado botado, daí por um bocado, saía do palheiro e ia atrás delas.

Ao outro dia amanhecia todo branco. Neve! Tudo branquinho! Diziam eles lá em casa:

- "Donde é que estará o garoto? Está por aí morto nalgum lado com a neve."

Eu estava mas era metido à "tintura" do gado, que vinha debaixo para cima no mesmo "solho". Vinha dali o calor dos animais para cima e o calor do pasto de cima para baixo. Não entrava lá o frio.

Depois, um irmão meu é que me foi agarrar lá adiante a uma barroca. Chovia água e eu vinha no meio do gado, "pia aquém"² a tocá-las para a frente para as meter na loja. Só sinto o meu irmão detrás de mim:

- "Hoje, hás-de ir dormir a casa!"

Já não me largou. Estava lá outro para meter o gado e aquele já me trouxe agarrado. Teve que me trazer para casa. Cheguei, digo-lhe assim:

- Não vou!

- "Tens que ir para casa! E vais para casa!"

E já não me largou. Trouxe-me. Sentei-me à cozinha. A minha mãe diz assim:

- "Então, como é que tu tens passado estes dias? Três dias que cá faltaste. Como é que tu passavas? Onde é que tu te governavas?"

Eu, nem uma nem duas. Ainda me dava mas era mais em cima. À meia tarde, nesse dia, já não fui para o gado. Vem o meu pai, que andava lá na fazenda, de lá para aquém. Eu estava sentado à cozinha. Ele só disse assim:

- "Então, rapaz! A cabra nunca apareceu, deixaste-la comer aos lobos ou para onde é que ela desapareceu?"

Falou e eu sem paleio. Se abro a boca, ainda apanhava mais. Calei-me bem calado. Saí porta fora, nem uma nem duas! Fui para o sol. Sentei-me lá ao sol, cá fora.

- "Anda! Vem comer!" - diz ele.

Assim fui eu. A gente passou uma vida ruim!

Religião Doutrina à ripeirada

Andei na doutrina. Era no Piódão, no fim da missa. Íamos daqui de Foz d'Égua à pata, como o cão. Havia uma catequista, que ensinava a gente. O padre

²por aí aquém

nunca ensinou. Ainda lembro, andavam muitas crianças nessa altura. Eram as crianças todas. Ia tudo ali. Ao fim da missa, tínhamos que lá estar todos uma horazita na igreja. Ela ensinava como é que era e como é que não era. A gente tinha de dizer tudo. Aquele que não dissesse, uma ripeirada na cabeça logo. "Toma! Aprendes ou não aprendes?". Era logo!

Casa "Dormíamos à vista uns dos outros"

Lembro-me da minha casa. Era um barracão qualquer. Tínhamos uma cama de um lado e outra no outro. Não havia divisões como agora há. Dormíamos à vista uns dos outros, no meio daqueles palheiros, daquele pasto, enrolados em duas ou três mantas. Nós, a rapaziada nova, íamos lá para aqueles palheiros dormir, por um lado e por outro. Dormíamos aos dois e aos três. Era conforme calhava. Os velhotes ficavam em casa. Era uma vida ruim! Agora, muita gente diz:

- "Ai, essa vida não passou."

Não, que não passou! Sabe Deus como a gente se via!

Percurso profissional Saudades do Ribatejo

"Sonho que ainda lá ando a trabalhar"

Tinha aí 12, 13 anos, quando fui para o Ribatejo. Talvez ainda não os tivesse. Fui com um homem que andava aí a arranjar pessoal para lá. Chamávamos aqui um capataz. Íamos aos 20 e às 30 pessoas. Era a malta. Daqui, íamos à Vide. Na Vide, havia um homem que tinha umas mulas. Eram cavalos, mas nós chamávamos-lhe mulas. Puxavam uma carroça, atrás. Ele ia em cima da carroça e nós íamos a pé. Fôramos muita vez a pé dali para Santa Comba para apanharmos o comboio. Às vezes, por esses caminhos, até se nos rompia o calçado que a gente levava. Íamos para cima da tralha que levava nas carroças. Os outros continuavam a pé. Como era a vida... Eu digo mesmo: se começasse a escrever tudo desde o princípio da minha vida, tinha um missal!

No Ribatejo, a vida ainda era pior. Ali para Alenquer, Santarém, Vila Franca, por aquelas terras ali. Conheço aquilo tudo! Surribar terras de metro e meio de altura. Surribar é cavar em profundo. A gente abria um buraco. Começávamos em baixo, quando chegávamos acima já tinha mais de 2 metros ou 3 de altura. Era para muita hora, lá em cima. A gente a cavar a terra com umas

picaretas e a botar para trás. Chegava-se de sol a sol, também. Ainda "a manhã vinha de castelo", já a gente estava levantada para pegarmos ao serviço. Quando nascia o sol, já lá tínhamos de estar. E quando o sol se punha é que saíamos do trabalho.

A comida da gente, naquele tempo, era farinhas amassadas. Farinhas de milho ou de trigo para comermos durante um mês. Era 30 quilos de farinha, litro e meio de azeite e 3 litros de feijão. Se comíamos mais, já tínhamos de ir comprá-lo ou ir pedir ao patrão para nos dar mais comida. Nesse tempo, íamos para lá ganhar 25 tostões por dia. Era ao dia. E tínhamos aquele "comestio" só. Era uma vida ruim! Agora, comem o que querem. Comem um bifinho, comem dois, comem três, comem quatro, comem cinco. Naquele tempo, quando se a gente criou, uma sardinha era dividida por três ou quatro.

Havia domingos que a gente trabalhava para a casa. Diziam eles que era para a casa. Uma ocasião, começámos lá a embirrar todos. Queríamos ir à missa e não queríamos saber de irmos trabalhar. Os patrões deram em dizer, de facto, o domingo, deu Deus para se descansar, não é para se trabalhar. Ao domingo, íamos à missa. No fim da missa, chegávamos à porta do quartel e fazíamos a comida. No fim de fazermos a comida, toca a fazer o baile! Toca a andar! Ainda diverti lá muita gente. Até que horas da noite! Dez, 11 horas. Às 11, o capataz dizia assim:

- "Ó, rapazes! São horas de irem para a cama, que amanhã temos de madrugar."

Dormíamos lá nuns barracões, de cima de umas esteiras de corra, do feitio quase de cana. As mulheres dormiam num lado e os homens dormiam no outro. Davam-nos aquilo, a gente levava uma manta e dormíamos ali de cima. Enrola na manta e toca andar. Os travesseiros eram os sapatos que a gente trazia. Eram os tamancos. Às vezes, quando a gente se levantava de manhã, até se conheciam nas costas aqueles vergões.

Fazíamos nove meses. No fim de nove meses, vínhamos embora. Estávamos aqui mês e meio e daí tornávamos a abalar. Em Setembro, íamos para as vindimas. No fim de as fazer, cavávamos as vinhas, surribavam terras e uma coisa e outra. E lá andávamos. Chovia a água, apanhávamo-la no corpo. Vinha o sol, enxugava. Lá, não havia onde a gente se aguentar.

Andei lá muitos anos, 30 e tal. Quando me casei, ainda lá andava. E ainda para lá fui alguns anos de casado.

"Você tem lá uma boa pretensão"

Aqui há tempos, vieram uns de lá, de Alenquer. Diz-me um assim mais esperto:

- *"Você andou a trabalhar em Alenquer?"*

- *Andei. A trabalhar assim, assim, em tal sítio.*

- *"Então, era você que ainda andou a trabalhar para o meu pai! Há lá ainda escritos em folhas nomes de Homeros."*

- *Então, Homero Lopes Pereira não havia lá outro.*

- *"Mas olhe que você tem lá uma boa pretensão." - disse-me o gajo - "Você foi sempre bom. Está lá nas folhas que tinha uma pretensão boa. Era bom trabalhador e nunca retilava com o patrão nem com ninguém."*

Se a minha mulher quer, eu não estava aqui. Estava entre Alenquer e o Carregado numa quinta. Havia lá um velhote que me dizia:

- *"Ó, senhor Homero, você tem de tomar conta de mim. Até lhe ponho isto tudo."*

Tinha dois filhos, mas não queriam saber dele. Um estava para a Inglaterra e o outro estava para a Bélgica. Estava ali o homem sozinho, desorganizado:

- *"Ó, senhor Homero, morro aqui à separação. Não há ninguém aqui que tome conta de mim..."*

Ainda cheguei a dizer à minha mulher:

- *Vamos para o Ribatejo.*

- *"Eu? Sair do meu pai e da minha mãe? Não saio!"*

Ela gostava cá disto. Não deixava o pai e a mãe para ir para outras terras. Mas era melhor lá que aqui. Lá, entrava um tractor, lavrava os terrenos. Aqui são lavrados à mão! Às vezes, até sonho que ainda lá ando a trabalhar. Se tivesse carro, ainda gostava de ir até lá dar uma volta por aquelas quintas onde andei.

"Tanta estrada que ajudei a fazer..."

Andei também muitos anos nas estradas. Vínhamos do Ribatejo, íamos para as estradas. Íamos pedir trabalho aos empreiteiros que andavam nestas florestas de cima. Andavam, também, naquela estrada cimeira, que foi feita pela floresta. Arrancava penedos e cortava pedra com umas picaretas. Fazia paredes daquelas pedras que lá há cortadas em toda a volta, para fazermos o alicerce para passar a estrada. Era tudo a picareta. A pico e a pé. Não era em carro nem nada. Ia lá em cima e voltava por aqui. A gente ia para ali trabalhar de sol a sol. Não

amanhecia e já lá tínhamos de estar. Quando anoitecia, vínhamos embora. Há aí tanta estrada que eu ajudei a fazer... Começámos no Vale de Maceira até ao Piódão, por estas serras adiante. Ao fim, ao resto, andava outra malta aqui em Chãs d'Égua, também na floresta. O encarregado dizia-me assim:

- "Ó, Mero, estás na Fajoeira. Amanhã de manhã, vais buscar as folhas para o sábado."

Ele fazia a folha. Dizia-me:

- "Ó, Mero, está-se a chegar sábado. Vais buscar a folha lá em cima aos Chãs d'Égua e trazes uma para aqui."

Para ele levar ao senhor engenheiro. Daí é que fazia aquilo tudo.

Andávamos aqui dois meses na estrada até findar o tempo para irmos para o Ribatejo outra vez. Ao fim de aqui andar dois meses, tornámos a ir. Vínhamos de lá, tornávamos a ir pedir trabalho à estrada. Não havia outros meios cá onde se a gente governasse.

"Fiz carvão por essas serras"

Também ainda fiz algum carvão aí por essas serras. A arrancar torgas e a queimar. Abre-se uma cova grande no terreno e daí arranca a gente as torgas. Bota lume naquela cova e bota-as para ali todas. A torga é queimada e no fim de ser queimada, a gente agarra em terra e tapa aquilo tudo. Fica tudo tapado. Às vezes, vínhamos de lá já que horas da noite! 11 horas. Não se via. Não havia lua. Não tínhamos luz. Onde é que tínhamos as luzes? Nos olhos! Era tombos aí por esses oiteiros abaixo para virmos embora. Ao outro dia, tirámos-lhe a terra. Íamos tirar aquele carvão para vender a uns que tinham machos. Naquele tempo, era vendido à saca. Era a 12 escudos a saca. Ora, para encher uma é preciso trabalhar. Nós enchíamos três por dia. Carregavam-no no macho e iam-no vender aí por essas terras, para outros lados às camionetas. Depois, ia em camionetas, para um lado e para o outro. A vida da gente é como eu digo: se soubesse ler e começasse a escrever do princípio da minha vida - Deus nos livre! - era um missal, mas um missal daqueles grandes!

"A vida da resina era ruim como um corno"

Andei por aí na resina. A vida da resina também era ruim como um corno. Andava aqui nestas matas todas. Isto, no meu tempo, era tudo pinhal. Agora é que não, porque veio o lume, queimou tudo. Ainda aí há um sítio ali para cima onde estão bocados deles, mas ainda não dão. Aqui, em Oliveira, ainda resinam. Passo lá e ainda vi em pinheiros. Disse:

- Olha, já andei nesta porcaria!
 Diz a minha filha assim:
 - "Ó, pai, era um trabalho bom."
 Era, era.



Cédula de Resineiro de Homero Lopes

Um resineiro faz muita coisa. "Desencarrasca" o pinheiro, com uma "desencarrascadeira". Ainda lá tenho uma. É uma faca torta. E tínhamos uma machada, também. Uma faca de um lado e uma machada do outro. A machada é para espetar o cavalete. A faca é para cortar a madeira para vir a resina. Tinha uma travessa de cortagem e tínhamos de ter aquela medida. Se passássemos, éramos multados. A gente tinha de andar sempre a pau. Primeiro, tira-se-lhe a côdea com aquela - chamamos nós - "desencarrascadeira". Tínhamos um ferro grande para meter a bica, para cair a resina para o púcaro. Púnhamos-lhe um pau espetado no pinheiro para o segurar, senão ia toda pelo pinheiro abaixo. O tempo que demorava a encher era conforme. O púcaro é de quilo. No tempo mais quente, dá mais resina. No tempo mais frio, dá menos, porque o pinheiro não puxa. De 15 em 15 dias dávamos uma cura. A cura era pôr ácido no pinheiro, para correr, para puxar a resina. No Inverno, o tempo arrefece e só com o líquido que lhe a gente deitava é que botava alguma coisa. Era preciso a gente tirar bem a madeira, cortar bem e "provisar" bem, senão não saía nada. Quando é no Verão, a gente cortava, começava logo a resina a correr. Estava o pinheiro quente. A gente "provisava" e começava logo a correr para o púcaro. Íamos da Quintela adiante a minha casa e quando voltava, a resina já estava a cair. Curar era perigoso. Se caísse ácido na roupa, queimava logo. Quando a gente vinha com aquelas latas às costas, se caía, entornava tudo e a gente tinha de tornar a encher. O trabalho da gente...

Daí, a gente ia recolher a resina para umas latas grandes. Ainda lá tenho uma, também. Tínhamos uma coisa de ferro com um pau para a tirarmos de dentro do púcaro para dentro da lata. Às vezes, a gente chegava a casa todo "enresinado". Para a tirarmos da roupa, como é que era? Era com petróleo. Íamos lavar a roupa com petróleo para sair aquela resina toda, senão, não saía. Depois, vendia a uns proprietários. Havia aqui um na Vide e havia outro em Côja. Iam levar a resina nuns bidões grandes. Ainda lá tenho um desses também, em folha. Primeiro, era em madeira, como os pipos de vinho. Alanquei com muitos do Piódão lá acima à escola no Malhadinho. Levámo-los às costas cá debaixo daquele ribeiro lá para cima. Em madeira e molhados, era um peso bruto. Púnhamos lá em cima para o carregador vir carregar os machos. Aquela resina ia para muitas coisas. Dava para óleos, dava para sabão, dava para tudo aquilo. Ia para destilações e era tudo destilado.

Nós ganhávamos ao dia. Quantos dias fizessemos, quanto ganhávamos. Chegava-se ao fim do mês, pagavam. Depois, por um quilo de resina. Nós aqui, era um preço, lá, onde era fabricado, eles já iam vender por outro. Éramos quem

a tirava e éramos quem ganhava menos. Os outros é que ganhavam o ordenado maior e não levavam trabalho nenhum.

Era a vida da gente. Eu bem digo: a vida da gente bem contada era um romance, era!

Namoro "*No Piódão é que a gente se namorava*"

O namoro de agora é pior do que o do outro tempo. No outro tempo, se eu estava a falar para uma rapariga, já estava a mãe dela ou o meu pai a dizer:

- "Eu logo à noite já te dou o arroz. À noite, eu coço-te em casa. Estás lá de volta da rapariga..."

Chegava o pai dela, também era a mesma coisa:

- "Vem para casa, que eu à noite já te digo como é que já namoras."

Não podia conversar. Está bem, está! Ai daquele que lá estivesse. Se eu fosse com uma rapariga para o Piódão, diziam assim:

- "Olha, fulano já anda de volta de fulana. Quem sabe já o que eles fariam no caminho!"

Agora, vão para aqui, vão para ali...

Eu conheci a minha mulher no Ribatejo. Também lá trabalhava. Ia de rancho. Ia um rancho de mulheres e ia um rancho de homens. Umas tantas e uns tantos. Comecei a namorar com ela, já tinha 33 anos. Pedi-lhe namoro. Ela pediu ao pai se dava autorização de namorar comigo ou se não. Ele chegou-se um dia ao pé de mim e disse-me:

- "Então, rapaz, andas a namorar com a minha filha? É para seguir ou é para fazeres pouco dela?"

- Por enquanto, será para seguir. - disse-lhe eu

- "Então, podes namorar com ela. Podes vir a casa. Podes ir para um lado e para o outro. Sendo assim, está bem, dou-ta. Agora, se é para fazeres pouco dela, excusas de lá voltar. Ainda levas uma sova."

Tinha de ir a casa dela namorar, aos domingos. Ela vinha de lá para aqui, para o Piódão. E eu ia da Fajoeira para lá. No Piódão é que a gente se namorava. Daí, quando foi para o resto, já eu ia com ela lá para diante para casa dela. À noite, vinha para cima e ia para casa. O namoro não chegou a um ano.

Casamento "*Festa até à noite!*"

Casei-me no Piódão. Fomos a receber lá. Ela levava um vestido branquinho. Eu levava uma roupa preta e uma gravata. A roupa foi feita no Sobral Casegas.

Depois, houve festa até à noite! Foi em casa dela, lá cima nos Pés Escaldados, nos Chãs d'Égua. Comeu-se tanta coisa. Era carne fresca - mataram cabras -, era tigeladas, era arroz-doce, era todas as coisas. A tigelada é feita em ovos e põe-se no forno. É bom.



Notícia da Comarca de Arganil, do dia 17 de Setembro de 2008

Descendência "Tivemo-los em casa"

Já ia quatro anos, quando nasceu o meu António. Ao fim, ainda esteve mais quatro anos, é que nasceu a rapariga. Nasceram na Fajoeira. Acho que têm quatro anos de diferença um do outro. Tivemo-los em casa. Eram os próprios pais que ajudavam. O meu António, fui eu que o amparei. Eu é que o trabalhei, que assisti. A rapariga já foi a minha cunhada. Lá assisti ao parto. Depois, as mães tinham que se tratar com caldos de galinha. Faziam-se aí uns tantos meses para ela tomar sezoão para trabalhar. Dava-lhes os peitos e assim se iam governando. Agora é biberões, é uma coisa, é outra. Já nem querem dar o peito nem nada.

Daí, lá se foram trabalhando. Quando o meu António nasceu, já havia escolas. Ele andou na escola. Fez o quarto ano e exame. Eu queria que ele estudasse, mas ele não quis. Agora, às vezes, diz assim:

- "Ó, pai, estou tão arrependido de não estudar mais! Ai!"

- Quando te eu disse que estudasses, não querias. Que já chegava, que assim, assado, que já andavas aborrecido da escola. Mas agora já te sabia bem?

- "Fui um grande parvo! Você ainda pagava e assim... Agora, aprendi muitas coisas, mas já eu tive de pagar..."

- Vês? Estás a ver como é que é?

E a rapariga a mesma coisa. Andou na escola aqui em Chãs d'Égua. Eu ia esperar a professora ali nas - chama-se lá - Pedras Lavradas, que vem do Fundão para cá. Ela era do Fundão. Vinha aqui dar escola em Chãs d'Égua. Eu ia lá esperá-la, porque ela não sabia o caminho. Levantava-me às cinco para lá estar à hora que ela chegava, por volta das nove, dez horas. Daí, tinha de vir com ela por aquela serra aquém e descermos para os Chãs d'Égua. Fui lá buscá-la muita vez.

Costumes *Como se fazia antigamente...*

"Lembro-me como se fazia o pão"

O milho era malhado, debulhado, seco e daí ia ao moinho. Faziam a farinha. Depois, ia para o forno. Ainda agora boto uma "fogueirada" ao forno. Lembro-me como se fazia o pão. Até era capaz de o fazer ainda! A gente botava a farinha para dentro. Era peneirada com uma peneira redonda, com um crivo com uma coisa no fundo. Caía para dentro de um tabuleiro. Naquele tempo chamavam gamela. Era do feitio de uma mesa. Agora é que dizem que é tabuleiros. A gente fazia ali um alqueire dela. Amassava-se, botava-se o fermento da mesma farinha e fazíamos uma fornada. Os restos que ficavam apanhavam-se bem apanhadinhos, botava-se para dentro de uma tigela. Fazia-se-lhe uma cruz, botava-se-lhe sal e ali estava para levedar para outra vez, para quando se quisesse cozer. Toda a gente tinha fornos. Se não tinham, pediam:

- "Ó, vizinha, deixa-me ir pôr o meu pão no teu forno."

Levava lenha e ia aquecer o forno. Daí, ela apagava a sua farinha, a sua broa amassada. Às vezes, estavam duas pessoas a cozer pão. Às vezes, aos três e aos quatro. Ali no Piódão, uma ocasião, fui ajudar um senhor. Eram lá umas sete mulheres a pôr pão para dentro de um forno. Cada uma contava as suas. Aquela contava as dela e eu contava as minhas. Quando era ao tirar:

- "Eu tenho tantas."

Outra tinha tantas. A farinha era tudo igual:

- "Tens aí as tuas, aquele tem as dele, aquela tem as dela e aquela tem as dela."

Contava-as todas. Às vezes, não cabiam no forno. Amassavam a mais, não cabia lá toda. Sobrava farinha e massa. Levavam-na, com licença, para os porcos.

Vinho e aguardente

Para fazer vinho, podavam as videiras e apanhava-se. Calca-se com uma máquina, o esmagador. É um tabuleiro, a gente agarra e bota para lá. O vinho cai para dentro da dorna. Chama-se aquilo uma dorna. Tem de estar ali uns dias a ferver. Depois, a gente mexe ali bem mexido. Ele vai fervendo. Em deixando de ferver, tem de se tirar para os tonéis. O cardaço é queimado no mesmo dia para fazer aguardente.

Eu sei fazer aguardente. Até tenho alambique e tudo. Tenho tudo em casa. A gente tem um alambique. Tira aquela cabeça de cima, enche o depósito de baixo de massa, aquele cardaço todo. Põe naquela cabeça. Tem um cântaro adiante. Tem um tubo. Faz-lhe a fogueira por baixo. Aquilo ferve lá dentro e a aguardente sai toda para aquele cântaro, que lá tem ao lado. Às vezes, um alambique cheio ainda dá 16 litros de aguardente. Se lhe mexer com um pauzinho as contas em volta, fica tudo cheio de contas. As contas é a ramagem por cima. É assim que é fabricado. É uma bebida boa de fazer, mas é para quem sabe!

"Cá da terra é o Santo António"

O santo cá da terra é o Santo António. Temo-lo ali. Fazemos cá festa. Antigamente, era comer e beber. Vinha cá o padre dizer a missa. Ainda veio uma ocasião além acima, naquele terraço. Fôramos ali à missa. No Piódão é que faziam procissão. Aqui não. Nunca fizemos, porque só com um andor... No Piódão, fazia-se procissão de velas de noite. De dia, era os andores, tudo às costas, da igreja ao cemitério. Dávamos a volta outra vez. Ainda a fizemos este ano. Bailarico, havia só depois de recolher a procissão e de comer. Fazia-se o bailarico, a tocarem concertinas e uma coisa e outra. Eu também ainda lá toquei concertina muita vez. Ainda sei tocar. Ainda lhe dou um jeito. Aprendi pela minha cabeça. Ouvia tocar aquele, ouvia tocar este. A gente ia modificando e ia vendo como é que era e como é que não era.

Ramos e Santa Cruz

No Domingo de Ramos, íamos ao Piódão com os ramos. Com o loureiro. Fazíamos a festa, levávamos um ramo e íamos aí "pia fora"³ com ele ao ombro por esse caminho. Íamos a pé tudo para cima. Quem queria levar grande, levava grande. Quem queria levar pequeno, levava pequeno. Eu levava sempre um grande, quase da minha altura. Quando ainda estava lá o coro, às vezes, as raparigas estavam por baixo. A gente - aqueles que levavam uns ramos grandes - em lugar de os virarmos para cima, virávamo-los era para baixo. Tirávamos-lhes os lenços da cabeça com os ramos. Elas estavam lá com a cabeça... Pumba, levávamos-lhes o lenço. Botavam-lhos todos para o chão. Tudo na paródia! Elas olhavam para cima:

- "Malandro! Malandro!" - falavam de baixo - "Malandro! Malandro!"

Punham o lenço na cabeça. Daí por nadita, estavam descuidadas, lá vai o lenço outra vez com o ramo.

No Dia de Santa Cruz, fazemos as cruzes. Chama a gente assim. É bom pôr a cruz. Faz-se uma cruzinha e põe-se nas padieiras e na fazenda. Com aqueles ramos de louro bentos que a gente trazia lá da igreja. Eram benzidos na igreja. Faz-se uma coisa num pau, adicionam-lhe um ramo e põe-se aí a guardar os terrenos. Têm de as pôr todos os anos. Não se tiram. O meu vizinho já há seis, cinco anos que lá tem as dele.

"No Domingo de Páscoa"

No Domingo de Páscoa, vêm dar as boas-festas. Trazem a Cruz e vêm dá-la a beijar. Depois, o padre tirava o foliar. Este ano, encheu-se esta sala. Puseram o foliar em cima de uma mesa. A gente beijou em toda a volta e no fim de se beijar, tiram as opas que trazem, tira-se a Cruz, tapa-se, toca a comer e a beber! No outro tempo os padrinhos também davam o foliar aos afilhados. Quem podia, dava dinheiro. Quem não podia, era um pão de trigo. Destes de trigo que a gente compra ao padeiro. Comprava um e dava ao afilhado. O meu padrinho nunca me deu foliar nenhum! Nunca me deu nada! Eu tenho afilhados e dava-lhes dinheiro. Dizia-lhes assim:

- Pão, não te dou, porque pão tem-lo tu em casa. Toma lá dinheiro e faz dele o que quiseres.

Naquele tempo eram 100 escudos. Já era bem bom. Eles diziam:

³por aí a fora

- "Ah, não estava à espera de nada..."
 - Pois não. És minha afilhada, tenho de te dar o foliar.
- Até uma certa altura. Passando essa certa altura, já não dão.

"Diziam que havia lobisomens"

Uma ocasião, havia aqui um homem que foi comprar um macho lá longe detrás da serra. Depois, trouxe-o e meteu-o na loja. Ao outro dia, nós sentíamos de noite, pumba, pumba. Era o macho a escavar a porta com as ferraduras. Nessa altura, eu estava aqui com o meu tio. Ainda era vivo. Disse-lhe assim:

- Ó, tio, o macho que foi comprar a fulano... Está a porta escavada - eu levantei-me cedo -, o macho já lá não está.

Diz ele assim:

- "Está, está! Então ele deixava agora o macho..."

- Ai, o colar está, o macho não!

O meu tio falou-lhe, que ele estava aqui em baixo:

- "Ó, Felisberto!" - ele era Felisberto.

Saiu de casa:

- "Que é que você quer?"

- "Olha que já lá não tens o macho. Ou to roubaram ou ele fugiu."

O macho passou nos Chãs d'Égua, de noute. Os dos Chãs d'Égua, tudo a tremer... Diziam que havia lobisomens. Antigamente, havia! Sentiram o macho a passar na rua. As ferraduras que até botavam uma "fachuqueira" de lume. Toda a gente "ensabucou" e se tapava debaixo das mantas com o medo dos lobisomens a bater nas portas. E foi o macho que lá passou. Foi para o mesmo sítio donde o comprou.

Os lobisomens eram pessoas que andavam por aí de noite. Passavam aí por essas serras. Eram aos dez e aos 11 tudo a cavalo. Quando se criou a minha mãe, em chegando ali por volta das cinco horas, no Piódão ninguém podia sair à rua. Andavam aquelas pessoas a cavalo, com aqueles cavalões grandes! Chamavam aquilo lobisomens. Se apanhassem alguém na rua, faziam-lhe mal, eram capazes de os matar, com umas farpas que traziam ao ombro. Tinham farpas espetadas em paus. A minha mãe dizia assim:

- "Ai, filhos! Agora é uma vida, mas quando a gente se criou nem se podia sair. Em chegando as cinco horas a gente tinha de recolher todos para as casas, que das cinco da tarde às seis da manhã, ninguém podia sair à rua."

Lugar "Ficou só a Foz d'Égua"

Lá em cima, os Chãs d'Égua botavam as éguas do Piódão Velho. Passavam o rio para o outro lado e iam lá pastar. Eles assobiavam-lhe e as éguas iam lá ter. E daí é que nasceu os Chãs d'Égua, de lá irem pastar as éguas. E a foz, ficou só a Foz d'Égua.

Água

Dantes, havia água na fonte. Era onde iam buscar. Não havia dentro de casa. Esta que nós agora cá temos vem lá de cima quase da Senhora do Cabeço. Lá no alto, daquela Senhora que está no cimo. A Senhora das Preces. Vem quase daí. Nós é que a exploráramos. Abríramos as valas e a Câmara deu-nos as mangueiras. Trouxemo-la cá para baixo. Fizemos uns tanques "pia baixo"⁴. Agora, está para os tanques e vem a água para aqui.

Tanta vez fui brincar para o barroco! Íamos às enguias. Levantávamos as pedras. Elas estavam debaixo, pumba, toca a apanhá-las com um garfo das armas dos chapéus. Fazíamos um bocado de madeira. Espetávamos aquelas varetas todas "pia adiante"⁵. Daí, com aqueles coisos é que a gente as apanhava.

"Ali é que dava clareza às casas"

Antes, não havia luz. Agora, já está tudo iluminado, luzes para um lado, luzes para o outro. Mas naquele tempo havia alguma? Nada! Como não havia em casa, com que é que a gente se alumiaava? Era com candeias de azeite e candeeiros a petróleo. Tínhamos uns candeeirinhos redondos com uma torcidinha no cimo. A gente enchia aquela coisa de petróleo. Daí, punha-lhe o lume e ali é que dava clareza às casas. A candeia era a mesma coisa. Botávamos-lhe azeite, pendurava-se numa parede num "pinchezito", botava-se-lhe azeite e punha-se-lhe uma fita. Aquela fita ia chupando o azeite e dava luz.

⁴por aí abaixo

⁵por aí adiante

"Os bois não passavam por esta estrada"

Antigamente, os bois não passavam por esta estrada, por estas vagas debaixo. Não podiam. Por donde é que eles passavam? Só lá em cima pelas serras, onde não tombavam. Ainda lá estão as "grilheiras" dos carros, marcadas nas fragas por donde passavam. Aqui, se metiam um carro de bois, tombava. Lá ia tudo aos tombos "pia baixo"⁶. Ia bois, ia tudo. Assim, andavam pelas serras. Lá ao cimo do Piódão, havia um sítio que chamavam a Catraia. Havia lá uns velhotes. Tinham lá umas casas, onde eles habitavam. Aqueles que passavam lá com aquelas "grilheiras" dos carros.

"No outro tempo..."

No outro tempo, só cá estavam, a bem dizer, duas casas. Estava a casa do meu pai, que se criou aqui. Daí, veio um senhor lá de cima de Chãs d'Égua, que fez outra. Depois, é que vieram fazer mais. Os filhos deram em casarem-se. Uns por um lado, outros por outro. Vieram aí fazer a povoação. Quando eu era pequeno, era uma rapaziada que aí havia. Eu tinha dois, outro tinha um, outro tinha três, outro tinha um, outro tinha três, outro tinha quatro, outro tinha oito. Não havia televisões. As televisões que havia era fazerem filhos.

Foz d'Égua era pequeno. Ainda não haviam estas quintas à volta. Havia só esta povoação aqui "pia cima"⁷. A casa onde eu estou era de um tio meu. A casa onde se criaram os meus tios já tem perto de 100 anos. Comprei a uma prima minha. Ele tinha posto a uma segunda sobrinha. Comprei e vim para ali. Quando vim, já estava feita. A casa, onde se criou o meu pai, também já estava feita. A debaixo também. Já estavam as casas todas feitas. Só aquela cabeira é que foi feita agora.

Naquele tempo, ainda não havia médicos. Não havia médicos, não havia escolas, não havia nada. Quando a gente se criou não havia cá nada disso. Quando tínhamos já uma certa idade é que havia uns senhores do Piódão, que deram em educar, em puxar aquele pessoal, as crianças e ensiná-los. Os que sabiam mais. Deram ensinar e daí é que deu em aprender. Mas a gente nunca aprendeu, porque já tínhamos uma certa idade. Já andávamos por esses campos, por um lado e por outro. Já não tínhamos nada.

Isto agora está tudo mais modificado que no outro tempo. A aldeia está melhor do que antigamente. O que é antigamente, estava tudo cavado. E agora,

⁶por aí abaixo

⁷por aí acima

não. Antigamente, tínhamos aí um bocado e andávamos a cavá-lo. Tínhamos outro bocado, cavávamos ou mandávamos cavar. Agora está tudo cheio de matos. Acho que aqui é pouco pessoal. É a diferença. Gostava que viesse mais pessoal para cá e que se dessem bem uns com os outros.

Quotidiano "*Comer e descansar*"



Homero Pereira

Agora, no meu diário, é comer e descansar. Ponho uns pimentitos e umas couvitas para se irem comendo. Ajudamo-nos uns aos outros. Eu ajudo um e ele ajuda-me a mim. Mais nada. Que é que a gente há-de fazer? Já não pode. Só se faz o que se pode. Mais nada. Gosto da minha terra. Gosto de cá estar.

Avaliação "*Projecto importante*"

Eu acho este projecto importante. É como diz o outro, há coisas do tempo dos velhotes que, se deixassem escritas, agora sabia-se muita coisa, mas morreram. Não havia escritas nenhuma. Não há nada. Eu acho bem que fiquem

escritas estas coisas, bem declaradas. É importante para os mais novos. É bom aprenderem o que os mais velhos já passaram.